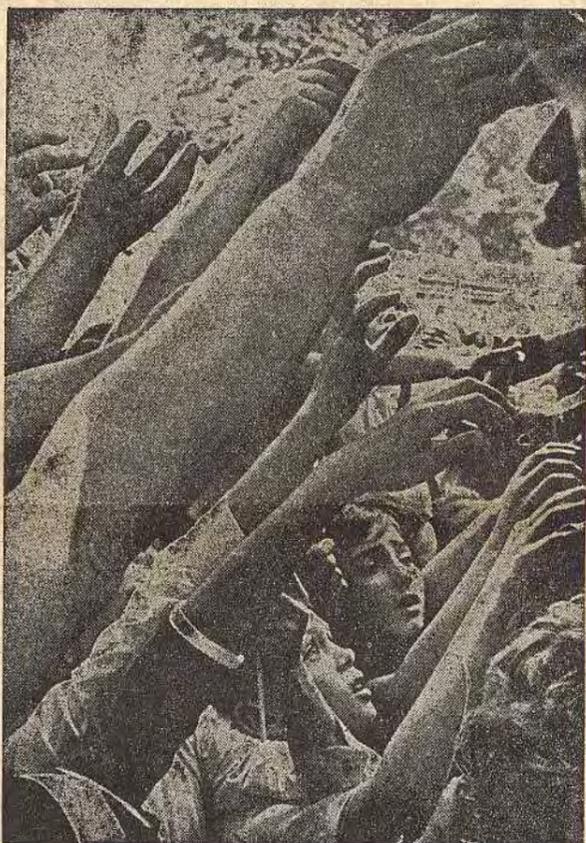




Para onde caminhamos?

(Com a devida vénia do «Eco de Pombal»)

Começou um novo ano escolar. É cada vez maior o número de matrículas nos estabelecimentos escolares, embora se notem em algumas regiões algumas desistências



Os jovens necessitam de quem os ajude a encontrar caminhos de bem e de Verdade. Quem os ajuda? Quem supre a sua inexperiência? Eles precisam de resposta às suas interrogações

do estudo devido às dificuldades de emprego após a conclusão dos cursos, e também os braços caídos de desânimo perante as percentagens de reprovações que se têm verificado. É certo que, um aluno que frequenta um estabele-

(Continua na pág. 3)

Palavra do Senhor

O PERDÃO DAS OFENSAS

Porque, se perdoares aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai Celeste vos perdoará a vós. Se porém, não perdoares aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai vós não perdoará as vossas. E, quando jejuardes, não mostreis um ar sombrio, como os hipócritas que desfiguram o rosto para que os outros vejam que jejuam. Em verdade vos digo que estes já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando jejuares, perfuma e lava o rosto para que o teu jejum não seja conhecido pelos homens, mas de teu Pai que está presente no culto; e teu Pai que vê no oculto, recompensar-te-á.

Não acumuleis tesouros na terra onde a ferrugem e a traça os corroem e os ladrões arrobam os muros, a fim de os roubar. Acumulai tesouros no céu onde nem a traça nem a ferrugem os corroem nem os ladrões arrobam os muros a fim de os roubar. Pois onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

CAMPELO E O SEU PROGRESSO

Para Campelo, ao que julgamos, há que pensar já num plano de saneamento básico ou conjunto de obras destinadas à satisfação de necessidades de salubridade pública, especialmente no tocante à criação da rede comum de abastecimento de água potável a todos os domicílios e de um serviço de limpeza dos arruamentos, drenagem de águas residuais de nascentes e das chuvas, remoção de detritos e lixos, criando-se também a rede colectiva de esgotos.

Esta atitude prospectiva (de tentar ver adiante ou sobre o futuro da região) julgamos não ser descabida nesta altura em que o maior número das povoações já dispõe, a par de outros melhoramentos, de telefone e luz eléctrica e em que continuam em curso mais algumas acções de criação de equipamento rural, ou seja, obras de construção de caminhos, estradas, pontes, lavadouros públicos, alargamento e calçamento de ruas dentro das povoações, etc..

Por uma acção concertada de forma constante entre a Junta de Freguesia e a Câmara Municipal será possível resolver a questão que se põe de águas e saneamento em Campelo e, subsequentemente ou a seu tempo, ir por cá alargando a experiência e acção às outras povoações.

Para a criação de estruturas locais importa, com efeito, conhecer que tipos de necessidades comuns sentem as populações, e conseguir uma contextura material capaz de dar resposta a essas necessidades e de mudar a face da existência das aldeias e criar condições de satisfação das populações. Ter presente, na verdade, uma hierarquia de objectivos a atingir, sem perder de vista, é bem de ver, os meios jurídicos e regulamentares capazes de ordenar essa hierarquização e a combinação de meios ou programas para alcançar os objectivos.

Traçar o plano para acudir às povoações e valorizá-las é, como costuma dizer-se, meio caminho andado.

Todos certamente estamos de acordo em que a riqueza está nas próprias pessoas e que, por isso, tudo se deve fazer por elas também nos meios rurais.

Um facto que vem aqui a talhe de foice é o da utilização que deve ser dada aos edifícios escolares doados à freguesia pelos beneméritos Amarais, que foram do Fontão Cimeiro. Nestes edifícios, situados à beira do adro, em Campelo, parece que ficariam bem instalados um centro médico, um centro cultural e recreativo (nem só de pão... vive o Homem), os serviços da Junta de Freguesia, enquanto esta não possuir edifício próprio, e outros serviços de cariz eminentemente social.

In illo tempore, isto é, quando Campelo ainda não tinha edifício escolar estadual (actualmente tem), a Junta de Freguesia entendeu, e bem, pôr à disposição do competente Ministério os edifícios atrás citados para acudir à respectiva população escolar. Presentemente, contudo, as condições são bem outras e a afectação dos mesmos ao MEIC (Ministério da Educação e Investigação Científica) já não tem, tanto quanto o sabemos, plausível justificação.

Eles são parte integrante do património público local; a sua posse deve ser restituída à Junta de Freguesia de Campelo, ainda que, para isso, se torne necessário intentar a competente acção. Acerca da legitimidade e licitude da restituição da sua posse àquela autarquia local não há dúvidas. E, sendo assim, que contencioso, e para quê?..

Parece também ir já sendo tempo de haver um «táxi» em Campelo, que é sede de freguesia. Para isso, serão credoras do melhor apoio as diligências que se façam para o conseguir. É possível que o regime esteja nesta altura mais liberalizado, quanto ao contingente de «táxis» fixado para as localidades.

Apesar de sempre, aqui, nos referirmos a Campelo, nós estamos também deste modo a procurar ver a

(Continua na pág. 2)

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

DOCUMENTOS ANTERIORES AO FORAL

Vários têm sido os historiadores a apontar as datas mais diversas da doação do foral que criou o Concelho de Figueiró dos Vinhos. Já referimos neste jornal o que sobre este assunto referiu Pinho Leal, no «Portugal Antigo e Moderno» e a «Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira». Apontaremos agora o que sobre este assunto escreveram outros afamados autores.

Na «Miscelânea», de 1629, Miguel Leitão de Andrade exarou o seguinte: «(...) no que se pode bem ver a antiguidade desta Vila (Pedrógão), cujos termos eram pelo rio Zêzere acima até o rio Unhais e por ele até às vertentes da serra da Lousã, que é braço da da Estrela, pelos quais ia entrar no rio Algia, chamado dos antigos Riba Fria, ou Ribeira Fria, que isso quer dizer Algia, e por ele abaixo até tornar a entrar no Zêzere. E assim continha o dito termo coisa de seis léguas de comprimento e quatro de largura. Porém, D. Sancho, Rei II de Portugal, lhe tirou uma grande nesga ao longo do dito rio Algia, até ao Zêzere, dando alguns pedaços às Vilas de Miranda, Aguda, Maçãs e ao Avelar pelo dito Rio Algia acima; e para baixo o mais a Figueiró, fazendo-o Vila sendo um lugar que se chamava o Figueiral, que era termo do Pedrógão Grande, pelos anos de 1212 (...).

Por seu lado, a «Corografia Portuguesa», do Padre António Carvalho da Costa, datada de 1712, falando da Vila de Figueiró dos Vinhos, diz o seguinte: «Mandou-a povoar pelos anos de 1174, D. Pedro Afonso, filho ilegítimo del Rei D. Afonso Henriques, com grandes foros e privilégios. Depois se destruiu, e a reedificou el-Rei D. Sancho I, no ano de 1187, fazendo-a vila de uma pobre aldeia, que estava sujeita à de Pedrógão Grande».

Frei António Brandão, na 3.ª parte da «Monarquia Lusitana», impressa em 1632, diz que D. Pedro Afonso deu foral à Vila de Figueiró em 1174 e à de Pedrógão Grande em 1176.

O foral de Figueiró é de 1174, 1187 ou 1212?

Podemos desde já dizer aos leitores que não é de nenhuma destas datas, mas de 1204. Em outros artigos publicaremos o texto latino do foral com a respectiva tradução e explicação. Há, porém, outros documentos anteriores à carta de foral que queremos levar ao conhecimento de todos os figuei- roenses.

Miguel Leitão de Andrade, no texto acima, parece fazer referência ao primeiro texto que se conhece sobre esta região da actual Comarca de Figueiró, mas decerto não o tinha à mão, pois comete várias inexactidões.

(Continua na pág. 3)

Notícias Regionais

CAMPELO E O SEU PROGRESSO

(Continuado da pág. 1)

ELEIÇÕES PARA A ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

No dia 2 de Dezembro, terão lugar estas eleições a que concorrem no nosso Distrito de Leiria os seguintes partidos e coligações e por esta ordem: P. C. T. P. / M. R. P. R.; P. S.; P. O. U. S.; A. D.; P. S. R.; A. P. U.; P. D. C.; U. D. P.; P. T. e U. E. D. S. A. A. D. (Aliança Democrática) é composta pelo Partido Social Democrata, Centro Democrático Social e Partido Monárquico; a A. P. U. é constituída pelo Partido Comunista e Movimento Democrático Português.

Devido a erro tipográfico (salto de linhas) esta notícia saiu incompleta no passado número do «N. de C.»

ELEIÇÕES PARA AS AUTARQUIAS LOCAIS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Para a Câmara Municipal concorrem o PPD/PSD, o CDS e a APU, com os seguintes elementos efectivos:

Partido Social Democrata

José Simões de Abreu, João Simões Rodrigues, Américo dos Anjos Gomes, Manuel da Conceição Silva e Fernando Cotrim Lourenço dos Santos.

Centro Democrático Social

Antero da Conceição Barreiros, José Godinho de Jesus, Rogério Simões Carvalho de Abreu, Jaime Fernandes e José Rodrigues Balão.

Aliança Povo Unido

João Henriques de Sousa Rocha, Maria Teresa de Oliveira Azevedo Trancoso, Celso Fernando Dengucho, Fernando Nunes Dias Simão e Fernando Manuel Valente Pires.

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE CAMPELO

Os partidos concorrentes apresentam os seguintes candidatos efectivos:

Partido Socialista

Alvaro Loja da Conceição, Albino da Piedade Santos, Manuel dos Santos Duarte, Manuel da Conceição Carvalho, Luciano Henriques Pedro, Manuel de Jesus dos Santos, Manuel dos Santos Ferreira, José Tomás Pedro e Manuel da Graça Simões.

Partido Social Democrata

Artur de Assunção Pereira Martins, José da Costa Simões, José Dias Ladeira, Anibal de Jesus Martinho, Maria de Fátima Bernardo, Vasco Pereira Simões, José Ferreira, Luciano Henriques Pedro e Marcolino das Dores Santos.

Aliança Povo Unido

Manuel Martins de Matos Coimbra, Aurindo dos Santos Alves, Sabino dos Santos Loja,

Fernando Manuel Valente Pires, Maria de Fátima Laginha Santos, Manuel Alberto da Silva Verduga, Alda Gomes Aleixo, José Alexandre Marques e José António do Carmo Barata.

Será destas listas de candidato que sairão, eleitos pelo Povo, os futuros dirigentes da Câmara de Figueiró dos Vinhos e da Junta de Freguesia de Campelo.

Vote, pois, nos elementos que achar mais capazes. Estas eleições são no próximo dia 16-12-79.

POR FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Está praticamente pronto o alargamento do cemitério desta vila. É uma obra de certo vulto, que englobou o arranjo da via de acesso, com parque de estacionamento, e ainda a ultimização das obras da Capela e Morgue.

— Está também quase concluída a construção do cemitério (novo) das Bairradas. Assim, com a construção do cemitério de Vilas de Pedro (em vias de conclusão) e o de Chimpeles, já começado, pode dizer-se que a Câmara, que ora finda o seu mandato, duplicou os cemitérios anteriormente existentes no concelho.

— Está concluído o alcatroamento da estrada para as Ágrias, a entroncar na estrada (também nova) Bairro-Ervideira. O mesmo se diga da estrada para a Castanheira de Figueiró e para Várzea Redonda, passando pela Lavandeira.

— Foram também iniciados, há tempos, os arruamentos dos Chãos de Baixo.

POR CAMPELO

Prosseguem as obras de empedramento da estrada que liga Campelo a Campelinho, é, de facto, uma obra de valor. Já estão concluídos os arruamentos desta sede de freguesia, ficando assim com estes melhoramentos os lugares de Alge, Vilas de Pedro, Fontão e Campelo. A seguir virá a Ribeira Velha, segundo informações que nos chegaram.

— Também está a ser feito o levantamento do projecto da estrada Campelo-Torgal.

POR VILAS DE PEDRO

Faleceu no dia 19-10-79, a sr.^a Joaquina Henriques, casada com o sr. Albano Pedro, filha de Manuel Pedro e de Luísa Maria.

A seu marido e filhos, srs. Irene de J. Henriques, Luciano H. Pedro, D. Maria H. Pedro e Manuel H. Pedro, os nossos sentidos pêsames.

Estes seus familiares aproveitaram para manifestar a sua gratidão a todos quantos os acompanharam na sua dor.

PELA AREGA

Os povos da beira-rio andam eufóricos com a construção da sonhada estrada ribeirinha. Após a construção da estrada até à Foz de Alge e dos arruamentos deste lugar, as máquinas começaram a fazer a terraplanagem para a ligação com

região globalmente, ou seja, todas as suas povoações e quais os melhoramentos que faltam e terão de ser conseguidos para em todas elas a vida poder ser melhor vivida.

A melhoramentos por via dos quais se vão completando as estruturas da região fazemos a referência que segue. Em Alge construíram-se ultimamente duas pontes e teve lugar a beneficiação das ruas, a construção de um lavadouro, o alcatroamento da estrada a partir de Pé de Janeiro e, ainda recentemente, foi inaugurada a luz eléctrica. A povoação tem telefone já desde há bastante tempo. Em Campelo, procedeu-se, há pouco, ao calçamento, até ao actual edifício escolar, da estrada que segue para o Torgal; construiu-se um lavadouro e a rua principal, junto à estação dos Correios, está a ser alargada. A «quelha do pau» ou rua que a partir do adro segue para o Campelinho tem já ao fundo a ponte construída sobre a Ribeirinha Velha e, na sequência imediata desta obra, vai ser alargada e alteada a calçada para afinação do seu desnível por forma a permitir a circulação também de automóveis. A seguir, a rua principal do Campelinho vai ser alargada na medida possível. No Porto de Oliveira, foi alargada a ponte sobre a Ribeira de Alge, ficando assim assegurada a passagem de viaturas. No Fontão Fundeiro, alargou-se a rua que conduz ao centro da povoação, logo ali a partir do largo da escola, um pouco para baixo da capela. Em Vilas de Pedro observa-se bom crescimento da povoação com a construção de moradias de atraente aspecto e estilo. Tem telefone, luz eléctrica, lavadouro e fontes, estes dois últimos melhoramentos construídos a expensas, há anos, da família Calçada, há muito radicada no Brasil. E vai ficar com cemitério, conforme em artigo na imprensa concelhia há anos alvitramos.

Por sua vez, a Ribeira de Alge tem na freguesia necessidade de regularização nalguns pontos das suas margens e de ser limpo o seu leito. A bravura da água das suas cheias fez ruir, há uns três anos, o açude onde é o moinho do sr. João dos Reis (assim o designamos ainda). Ali a «praia» também desapareceu pelo abaixamento do seu leito devido à derrocada do açude. Perdeu-se assim um dos sítios acolhedores da ribeira no qual a rapaziada tomava banho, praticava a natação, e se pescava a fruta. A reconstrução do açude e desse modo a reposição da «praia» afigura-se-nos possível através da Direcção dos Serviços Fluviais da Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos. Quem toma a iniciativa de o solicitar? Do leito da ribeira deve ser ordenada a remoção de ramadas, troncos de árvores e madeiras por forma a deixar o seu curso livre e desimpedido...

Também a exemplo do que já se concretizou há muito para Campelo, é uma real necessidade a implantação de uma conduta de água desde o açude da «tia Arinta» até ao Campelinho, em substituição do vestuário de água ainda utilizado. A distância a cobrir será de um quilómetro e não se compreende bem que os proprietários de terras no Campelinho não tenham ainda tomado a iniciativa de solicitar, para o efeito, o concurso das competentes entidades. Haveria, depois, água com abundância para as regas, sem necessidade da utilização de motores para a «puxar» da ribeira para o rego, o que não é acessível a todos os interessados.

Pelo que se vê, ou refere aqui, as necessidades das aldeias podem satisfazer-se, regra geral, sem obras de grande monta ou vultoso encargo financeiro. O que tem de haver é uma actividade constante de conservação do equipamento rural existente e de conseguir-se a construção do que ainda faz falta, com verbas do orçamento corrente (despesas de funcionamento) e do orçamento extraordinário (despesas de capital ou de investimento), o que se afigura estar facilitado através das possibilidades que oferece a chamada «lei das finanças locais».

Não aceifamos a ideia que só as vilas (grande sorvedeiro de verbas em obras que às vezes ainda poderiam esperar) é que são o concelho e que o resto, as

suas correspondentes zonas rurais, só muito secundariamente interessam e são apenas simples paisagem. Entendemos, isso sim, que o avanço das áreas rurais em melhoramentos deve processar-se, guardadas as devidas proporções, ao mesmo ritmo que o das vilas, no que é essencial. Um serviço regional ou mesmo concelhio talvez com a função de controlo ou verificação dos resultados alcançados por programas e acções para os meios rurais, parece-nos que, se bem operante, seria de algum modo útil e vantajoso. Por vezes também se observa que melhoramentos, após alguns anos de vida ou de concluídos, entram em ruína por não haver um serviço encarregado da sua conservação ou que, se existe, é o mesmo que não existir. E temos assim um consumo de grandes fadigas que acaba por ter, ingloriamente, um tão triste resultado ou fim.

Apesar de se ter de algum modo acentuado o despovoamento em algumas zonas rurais, nem por isso deixamos de ser optimistas quanto ao futuro das povoações ou, sociologicamente falando, pequenas comunidades rurais em que a célula primária e unidade económica é também a família. Sabê-se que o despovoamento tem as suas causas e condicionalismos. Ora o que importa é combatê-los por forma racional e eficaz. Ele, despovoamento, representa como se sabe o preço pelo qual, às vezes, tem de se pagar o Progresso... E se não há indústrias, nem comércio importante e nem actividades agro-pecuárias, as actividades permanecem rudimentares e isso não favorece o crescimento das aldeias.

Assim sucede nesta região de Campelo onde, por não haver nem indústria, nem comércio e a produção agro-pecuária ser insuficiente para o próprio auto-consumo, são fracas as condições materiais de existência e ainda reduzidas as possibilidades de bem-estar.

Vão ficando por cá as pessoas de meia-idade, pois é bem legítimo que os novos procurem onde melhor grangear a vida. Isso não significa, porém, que as povoações vão acabar, extinguir-se, e não justifica que a elas não devam ser levados melhoramentos necessários. Os tempos são já outros. Cremos bem que povoações como as desta região vão ter mais vida com os melhoramentos que nelas se fizerem, pois são as condições de estar, se existem, que favorecem a fixação das pessoas. Se as houver, algumas pessoas partem, mas retornam e fixam-se também outras. Disto é já indício seguro cada um procurar, como sucede, construir casa para voltar. É uma tendência inata voltar ao sítio ou lugar donde um dia se abalou... E esse retornar, porque hoje os tempos são outros e as condições sociais também, será cada vez mais acentuado e favorecido pelo aperfeiçoamento da previdência ou segurança social, em resultado da atribuição de assistência médica e de pensões sociais de invalidez, velhice e outras, já de algum modo generalizadas. Esse factor também concorrerá, e está já a concorrer, para o retorno de pessoas às suas aldeias de origem e que assim se vão animando, mantendo povoadas e readquirindo muita da sua vida. Após a «nuvem», sempre o «sol» rompe novamente...

Muitas das pessoas que voltam darão ainda o seu contributo em trabalho através de actividades que vão ali, ainda que um tanto por amorosismo, reassumir ou mesmo criar de novo, como é próprio dos indivíduos a quem a ociosidade cansa e com ela se não dão bem. Dentro desta perspectiva, também por cá se conservarão as povoações com vida, desde que sejam dotadas dos melhoramentos essenciais e, quando muito, o que se poderá afirmar é que, etariamente, ou em função da idade das pessoas, elas não-de permanecer mais velhos. Seja, porém, como for, ser-se vigorosamente animoso, perseverante e optimista, parece-nos ser próprio das pessoas combativas que, efectivamente, buscam não só para si, mas mais para os outros, o que comumente se considera ser o bem-estar — e o tentam conseguir com toda a precisa determinação e coragem por se não conformarem com o ainda actual quadro por cá... de carências das povoações!

Campelo, Setembro de 1979.

MATOS DE CARVALHO

a do Valbom. Quem espera sempre alcança!

PELA AGUDA

Esta freguesia tem visto também alguns melhoramentos: o rasgar da estrada para a Coelheira e para o Cercal e Abruñeira, da qual já se iniciou o

empedramento, e agora a abertura da estrada do Fato ao Salgueiro da Lomba, passando pelo Salgueiro da Ribeira e a ligação desta última à Lomba da Casa (iniciada há cerca de um mês).

No dia 28 deste mês de Novembro vão à praça as obras de abastecimento de águas a sete povoações da zona das Almo-falas.

Criada precisa-se

Para casa que dá boas referências.

Pedir informações a João Morais Rosa — Campelo. Ordenado a combinar.

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

(Continuado da pág. 1)

É a doação de D. Afonso Henriques da herdade de Pedrógão a três pessoas, em 1135.

Deixamos aqui a tradução do latim bárbaro desse documento: « Em nome de Cristo. Eu, Afonso, Príncipe dos Portugueses, filho do Conde Henrique e de Teresa, e também neto do grande Rei Afonso, compelido por minha espontânea vontade faço carta de doação firme da minha própria herdade que chamam Pedrógão a vós USBERT, MUNIONI MARTINS e FERNANDO MARTINS pelo serviço que me prestastes e prestareis. Por isso vo-la dou e vo-la concedo pelos seus termos e lugares antigos como se encontra no território comimbricense entre os seus montes, e seja irrigada com suas águas e em qualquer lugar a podereis encontrar; e dou-vos tudo o que nela encontrardes. Tem os seus termos a começar no monte chamado «signo» de Salomão e daí pelos cimos dos seguintes montes: de Alvares, de Sonieir (Soeiro?) do Meoso (?), dos Escaloes, de Sarzedas e de Ana de Avis (S. Neutel, segundo se julga); e daí ao Mosteiro de Alge, perto da foz deste rio com o Zêzere, e deste até ao ponto referido em primeiro lugar.

E assim tê-la-eis com garantias como digo acima, tal como vossos descendentes perpetuamente. Se alguém vizinho ou estranho, vier a quebrar esta minha espontânea doação, pague-vos em dobrado ou triplicado ou quanto por vós for melhorada, ou o dobro do que daí tirar, e, além disso, o juiz obrigue-o a pagar ao Rei o que roubou como manda o «Código Penal».

Esta carta de doação e garantia foi feita em 17 de Maio de 1135. Eu, Afonso, Príncipe dos Portugueses, assino esta carta com a minha própria mão». (Seguem-se nove nomes de testemunhas e do chanceler.)

A herdade de Pedrógão engloba mais

ou menos as freguesias de Pedrógão (Vila Facaia, Graça, Figueiró e parte da de Castanheira de Pêra. Não tinha a grandeza que é indicada por Miguel Leitão de Andrada.

Em Junho de 1200, D. Sancho I, faz a doação do reguengo de MONSALUDE a seu meio-irmão Pedro Afonso. Como se verá pelos seus termos, era uma vasta propriedade que englobava a anterior herdade de Pedrógão dada por D. Afonso Henriques aos três senhores referidos. O documento de doação foi publicada integralmente por Pedro de Azevedo na sua obra «Os reguengos da Estremadura, na 1.ª dinastia» e tinha os seguintes limites que traduzimos da sua língua original, o latim bárbaro: «... do Porto de Cais seguia ao longo do distrito de Tomar e, passando pelas águas transversas de suso e pelas águas vertentes para o Zêzere, dirigia-se para a foz de ribeira de Dona de Avis e depois ao Ferro Agudo; passava seguidamente pela nascente de Nodel e daí ia pela ribeira de Mega até ao Zêzere».

Não sabemos onde seriam as águas transversas de suso nem o Ferro Agudo. Calcula-se que o sítio do Ferro Agudo, que também aparece no foral de Figueiró, seja a serra do Caldeirão da Freguesia da Aguda, donde em séculos não muito distantes se extraía o minério de ferro para os Engenhos da Machuca e de Chimeles. O Porto de Cais ficaria perto da foz da Ribeira de Cais, em Ferreira do Zêzere. A ribeira de Dona de Avis é a ribeira de Água de Alta que desagua perto da ponte de Arega. Nodel é a ribeira do Nodel que nasce perto do Nodeirinho. Sendo assim, este reguengo ficava na margem direita do Zêzere e englobava as Freguesias de Figueiró e Arega, para além da maior parte do concelho de Pedrógão. Foi para que se desenvolvesse o povoamento destas terras que Pedro Afonso deu foral a Arega (1201), Figueiró (1204) e Pedrógão (1206), como veremos.

Para onde caminhamos?

(Continuado da pág. 1)

cimento de ensino e reprova anos seguidos porque não quer trabalhar, não é digno de ocupar lugar nas aulas, quando há muitos que por falta de meios, têm de sair da escola primária para o trabalho duro, para ganhar o pão de cada dia.

As excessivas liberdades que nos últimos anos se têm dado aos alunos, em nada têm favorecido a sua cultura e formação. As opções franqueadas aos estudantes na escolha de disciplinas e a multiplicidade de disciplinas em cada ano — há cursos em que os alunos do ensino secundário chegam a ter sete aulas por dia, dão como resultado chegarem ao fim do ano a saberem nada ou pouco mais de nada de coisa nenhuma. Isto quer dizer que alguma coisa está mal no campo da educação.

Os casos da droga e de imoralidade de que os jornais vão falando e outros que não repassam o âmbito escolar não serão fruto nefasto da defeituosa organização do ensino? O sentido da responsabilidade não andarás ausente de muitos alunos e encarregados de educação, quanto à defesa dos valores morais que é preciso cultivar e defender na Juventude que é o futuro da sociedade humana? Apresentemos um caso concreto:

Depois da concordata entre Portugal e a Santa Sé foi permitido à Igreja propor professores de Moral e Religião para os estabelecimentos de ensino primário e secundário. Durante bastantes anos estas aulas eram obrigatórias para todos os alunos das Escolas e Liceus. Há alguns anos foi estabelecido, para pais e encarregados de educação, a livre escolha da disciplina de Moral e Religião para os seus educandos. A partir de então, nos boletins de matrícula apareceu esta pergunta: — Quer a aula de Religião e Moral? — e o respectivo espaço para a resposta — sim, ou não. Acontece que, numa grande parte dos boletins, esta pergunta fica sem resposta e não é aplicado o ditado popular «quem cala consente» mas interpreta-se pelo «não». Outras vezes são os alunos que vêm preencher os boletins e, sem o conhecimento dos pais escrevem o «não» porque sabem que durante a hora em que os seus colegas estão na aula de moral, eles ficarão livres para a paródia ou para fazerem o que muito bem lhes apetecer. E os Pais saberão disto? e saberão o que é que os seus filhos andam a fazer durante aquela hora semanal?

Uma vez que se dá o direito de aceitar ou recusar a aula de Moral não se deveria programar uma ocupação para os alunos que recusam, dando-lhes nessa hora uma aula obrigatória de qualquer coisa, por exemplo uma aula de educação cívica e social, como já houve há cerca de uma dúzia de anos? Enquanto se der o direito de optar por estar na aula ou andar ao margio, não faltarão fraudes no preenchimento dos boletins de matrícula. Os jovens hão-de procurar convencer os seus encarregados de educação de que o tempo das aulas de Religião lhes faz falta para estudar as lições, mas isso é inteiramente falso; e se quiserem venham ver.

Como poderemos compreender que certos pais que nós conhecemos, que não praticam a religião, exigem as aulas de Moral para os seus filhos, e muitos pais que nós conhecemos também como católicos praticantes não trazem os seus filhos nestas aulas?...

Falemos agora cá de casa:

Na Escola Secundária de Pombal, com mais de mil e cem alunos neste ano lectivo de 1979-80, apenas se matricularam nas Aulas de Moral duzentos e vinte e sete alunos. Quer dizer: Num estabelecimento de ensino numa das regiões de maior prática religiosa do País de cada cem alunos, apenas se matricularam vinte nas aulas de Moral — os outros 80 decerto ou já têm muita moral ou não querem moral nenhuma. Por este andar, para onde caminhamos?

Sendo as aulas de Moral orientadas para a pessoa do aluno, projectando-o para uma vida social e familiar com os dados suficientes para viver e conviver como elemento útil da sociedade do amanhã, sem o coagir a aceitar os princípios da religião católica, mas responsabilizando-o pela colaboração na construção dum Mundo novo onde haja Amor, Justiça, Paz e Liberdade, não interessará a todos os que estudam aprender também os caminhos desta colaboração?... Ou estaremos nós a caminhar para uma sociedade apodrecida ou em decomposição?

Os casos que se verificam não só entre nós mas por esse país além, têm o seu quê de sintomático, e, por este caminho, teremos de dizer ao jovem estudante o que eu ouvi dizer há dias a um encarregado de uma bomba de gasolina a um automobilista que mandou pôr no depósito do carro cem escudos de super: — «Não vais para longe!...»

M. D. M.

Vida do Jornal

No último número não publicamos esta secção por falta de espaço. Aqui ficam os nomes dos assinantes que pagaram até 9/11/79. Se houver engano, pedimos o favor de avisar para regularizarmos as contas.

500\$00 — dos srs. Faustino Rodrigues Simões — Inglaterra e dr. Euclides Henriques dos Santos — Lousã.

300\$00 — do sr. Basílio Pereira Mendes — Lisboa.

250\$00 — da sr.ª Dr.ª D. Ondina de Oliveira — Lisboa.

200\$00 — dos srs. José Joaquim Rosa Matos — Lisboa; dr. Alberto Teixeira Forte — Figueiró dos Vinhos; Olivio Caldeira Neves — Lisboa; Maria de Lurdes de Jesus Patrício Ramalho — Lisboa; José Joaquim Pereira — Pragal; Isaltino Simões Pereira — Almada; Manuel da Conceição Rodrigues — R. da Margem — Lisboa; Isidro da Conceição Simões — Pero Pinheiro; dr. Manuel Alves da Silva — Figueiró dos Vinhos; José Francisco dos Santos — Coruche; Sérgio Ladeira Dias — Torres Vedras; José dos Reis Martins — Damaia e Vitorino dos Santos Silva — Alemanha.

180\$00 — do sr. José Júlio — Lisboa.

150\$00 — dos srs. Mário dos Santos Pereira — Lisboa; D. Lucilla dos Reis da Silva Branquinho — Luxemburgo; Mário Henriques los Santos — Lisboa; D. Felisbela da Conceição Mendes — Cascais; Pimentel Mendes de Carvalho — Lisboa e Sérgio de Matos Varandas — Cácerem.

120\$00 — do sr. Lúcio João da Silva — Almada.

100\$00 — dos srs. Celestino Arinto Simões — Lisboa; Amândio da Silva Abreu — Algés; Manuel da Silva Simões Ribeira — Lisboa; Júlio Pancadares — Lisboa; dr. José dos Santos Matos de Carvalho — Queluz; Irene Henriques Lopes Ferreira — Lisboa; José Antunes — Lisboa; Valdemar Manuel — Vila Facaia; Vitor dos Santos Vaz — Lisboa; Manuel Lourenço Júnior — Lisboa; Aurélio das Dores Carvalho — Lisboa; Manuel Varandas dos Santos — Lisboa; Manuel da Silva Abreu — Cácerem; Carlos Simões Casaca — Amadora; Almerindo Martins Nunes — Lisboa; Vasco da Conceição Silva — Figueiró dos Vinhos; António Francisco Martins — Brandoa; Carlos Rodrigues — Gondramaz; Herculano da Conceição Loja — Vila Franca de Xira; Álvaro Pereira Mendes

— Alge; João Morais Rosa — Campelo; Manuel Tavares dos Santos Rosa — Portimão; Orlando Martins Duarte — Lisboa; José Maria Relvas — Barreiro; D. Ilda dos Reis Silva — Queluz; Alfredo dos Reis Martins — Idanha; Fernando Mendes — Figueiró dos Vinhos; José Alberto Pereira Rodrigues — Vila Nova de Ourém e Manuel Rodrigues dos Santos — Tomar.

70\$00 — dos srs. João Afonso dos Santos Carvalho — Lisboa; Serafim Tavares Guerra — Unhos e José Mendes — Campelinho.

60\$00 — dos srs. Alvaro Henriques da Conceição — Alge e Fernando José Marques Varandas — Lisboa.

50\$00 — dos srs. Américo Marques Dias — Singral; Celestino Ferreira Dias — Lisboa; Isidro Domingues da Conceição — Lisboa; Evaristo Martins — Pé de Janeiro; D. Maria Rosa Costa — Fontão Fundeiro; José Simões Nunes — Fontão Fundeiro; Jaime Rodrigues Rosa — Alge; Adília Costa Ferreira — Vale do Vicente; D. Benedita da Visitação Tavares — Faro; Manuel Simões Relvas — Barreira; Manuel dos Santos Duarte — Torgal; Manuel Simões Rodrigues — Campelinho; Mário Maria Duarte — Campelinho e Belálio Lopes — Vilas de Pedro.

A primeira travessia do Atlântico Sul

Sacadura Cabral e Gago Coutinho
— Heróicos Aviadores de Portugal

A pedido do nosso colaborador Alberto Pinto de Sousa, publicamos um artigo sobre a viagem de Gago Coutinho e Sacadura Cabral de Portugal para o Brasil onde se encontram pessoas a quem interessa saber. Muito grato ao Pinto de Sousa, o nosso Jornal.

A histórica travessia aérea do Atlântico Sul, em 30 de Março de 1922, realizada com êxito espantoso num hidroavião de um só motor de pouca potência, o «Luzitânia», foi um feito glorioso e ousado dos nossos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, aplaudido pelo mundo civilizado, considerado um acto de coragem, de fé e de ciência.

Depois de terem passado momentos dramáticos ao atingirem os penedos de S. Pedro e S. Paulo, não desistiram os nossos heróicos aviadores, e no dia 17 de Junho do mesmo ano sobrevoavam o Rio de Janeiro, onde foram recebidos por um mar de gente, milhares de brasileiros, com entusiasmo delirante.

Para se orientarem tinham o sextante instrumento náutico adaptado por Gago Coutinho à navegação aérea. As duas primeiras partes do percurso, de Lisboa às Ilhas Canárias e destas a Cabo Verde, tinham decorrido de modo satisfatório. Ao atingirem os penedos de S. Pedro e S. Paulo, último ponto de paragem na ousada travessia, um dos flutuadores do «Luzitânia» partiu-se e o aparelho afundou-se; felizmente

navegava um navio a certa distância, que recolheu os dois naufragos ilustres, salvando-os assim de uma situação dramática e difícil, em que a morte os esperitava junto dos penedos.

Depois de recolhidos no navio salvador, os dois heróis, nunca desistindo, acabaram por receber um novo aparelho, mas este também se avariou e se afundou. E foi um terceiro hidroavião enviado de Lisboa que finalizou a travessia. Após terem sobrevoado o Rio de Janeiro, ao tempo capital do Brasil, amaram na Baía do Guanabara, na célebre data de 17 de Junho de 1922.

O Acto Sublime praticado pelos nossos dois heróis, Sacadura Cabral e Gago Coutinho, foi aplaudido pelo mundo inteiro e historicamente assinado, reconhecido como valor incalculável para os vindouros, um estímulo precioso para o desenvolvimento da Ciência, compreendendo a Navegação Aérea diurna e nocturna, a Geografia e Astronomia, a Cartografia, a Navegação Marítima (a Arte de Marear).

A Matemática a que se dedicou o Almirante Carlos Viegas Gago Coutinho — indiscutivelmente um dos maiores matemáticos, geógrafos, cartógrafos e historiadores — traz à nossa memória outro célebre matemático e cientista português do séc. XVI, no reinado de D. João III, Pedro Nunes, que foi Cosmógrafo-Mor no mesmo reinado. Genial inventor do Nónio, foi Pedro Nunes

o autor do célebre Tratado da Esfera, do Tratado sobre certas dúvidas de Navegação, Definição da Carta de Marear e, ainda, do Tratado dos Crepúsculos.

É quase tradicional pensarmos só nos Homens dos Grandes Descobrimientos quando pensamos na nossa maravilhosa História. Há muito mais, muito embora tais feitos e tais Homens já chegam para uma História superior à de tantas de outros Povos. Há muito mais: Porque houve outros Portugueses, cada um Herói no seu campo de acção, que muito contribuíram para a Literatura, para a Arte e para a Ciência. Mesmo no séc. XX tivemos o Prof. Egas Moniz, por exemplo, o primeiro português a receber um Prémio Nobel. Não esqueçamos tal gente. Escrevo estas linhas no dia 17 de Junho de 1979. Isto é, há cinquenta e sete anos, dois Portugueses fizeram com que o mundo olhasse mais uma vez para este Povo do Extremo Ocidente da Europa — com admiração e respeito.

Sacadura Cabral e Gago Coutinho...

Estes nossos heróicos aviadores foram e sempre serão considerados — Figuras Exemplares da História Nacional do séc. XX!

Redinha, 1979.

ALBERTO PINTO DE SOUSA

A PAX DE CRISTO, ESTEJA CONVOSCO!

Vem desde sempre, a desigualdade entre homem e homem, entre rico e pobre, nobre e plebeu, servo da gleba e senhor feudal.

O desnível provoca luta que de tempos a tempos se reacende, chegando por vezes as labaredas do ódio a atingir alturas em que o sangue ferve e transborda em cachão.

De há uma centena de anos para cá, esta luta tem-se tornado cada vez mais feroz e, nela, muitos milhões têm tombado ingloriamente.

Ultimamente dois sistemas pretendem libertar o homem, mas afinal acabam por torná-lo cada vez mais escravo.

Um apregoa a supremacia do capital que produz riqueza, dá trabalho, promove o progresso, atrai divisas, garante o bem-estar em tal grau de técnica, que dispensa o Supremo Senhor do mundo. Basta o Deus milhão.

O outro alega que só o trabalho é produtivo e, com ele, promete fazer do mundo um paraíso sem cresos nem pobres, sem classes nem escravos, sem exploradores nem explorados.

O deus-estado, sob controlo do proletariado, dispensa igualmente o Senhor do mundo e combate até a religião como ópio do povo.

Só por esta simples amostra, se pode concluir que nem um nem outro sistema, provém do Sinai nem do Calvário, mas sim da serpente do paraíso.

De facto, é Satã que, do alto do arranha-céus, diz ao operário: Tudo isto te darei, se prostrado me adorares. Do mesmo modo segreda ao patrão, alheio à sorte dos marginalizados e à responsabilidade da função social da riqueza: Descansa minha alma; tens os celeiros cheios para largos anos. Descansa, e goza!

De tal mentor e pai de mentira, de tal semente de ventos e utopias, nada há a esperar senão desordens, tempestades e destruições. Se as

bases são falsas, como na Torre de Babel, a confusão e a derrocada serão fatais.

Como feras, os potentados acabarão por devorar-se uns aos outros. O mundo sem Deus é isto.

Apesar de aparentemente manietado, Cristo a quem foi dado todo o poder, só aguarda que os homens se convençam que nada podem sem Ele, para intervir então.

Está apontado o caminho. Deixou-nos na Verdade, na Justiça e no Amor, o caminho da paz. Deixou quem interpretasse, divulgasse e actualizasse a sua mensagem. A Doutrina Social da Igreja é clara, precisa e segura. Não é preciso Marks, Lenine, nem Hitler. Basta Pedro.

Ouçamo-lo!

Perseguição religiosa na Roménia

Apesar de todas as afirmações e promessas, a perseguição contra os cristãos na Roménia continua a ser uma triste realidade na violação dos direitos fundamentais das pessoas.

Segundo informações da revista «Catacumbas», ao longo do ano passado e princípios deste, a intensidade da perseguição contra os cristãos das diferentes Confissões tem feito lembrar os períodos mais duros da época estalinista. A perseguição tem-se traduzido em prisões, maus tratos, internamentos em hospitais psiquiátricos e proibições de participar em actividades da Igreja. E a revista «Catacumbas» conclui afirmando «possuir dados recentes sobre a situação dos cristãos na Roménia» e acrescenta «não se tratar de pessoas que se oponham às leis do país, nem são revoltosos nem assassinos, apenas são cristãos que desejam viver a fé a lei evangélica em clima de total liberdade».



● Em Santa Comba Dão foram apanhadas sete toneladas de carne imprópria para consumo. Vendida por bom preço não era mau negócio... O pior foi ser apreendida e os autores castigados...

● Na Ponte sobre o Tejo, junto de Alcântara João Pais Nunes Filipe, de trinta anos, abandonou o carro, um Austin, sobre a Ponte e atirou-se à água, suicidando-se. Que teria sucedido a este rapaz?

Aconteça na vida o que acontecer, nunca há motivo para qualquer pessoa se suicidar!

● Vai ser posta a circular brevemente uma nova nota de mil escudos com a effigie de D. Pedro V, e isto por decisão do Ministro das Finanças em 30 de Julho último. Cada vez há mais notas de mil...

● A Rádio Renascença está a transmitir na banda dos «31 metros, 9670 mHz para os imi-

grantes da Europa, sobretudo França e Alemanha e diariamente das 14 às 14,30 horas (hora da Alemanha e da França), um programa através da Rádio do Mediterrâneo. Aproveite e ouça.

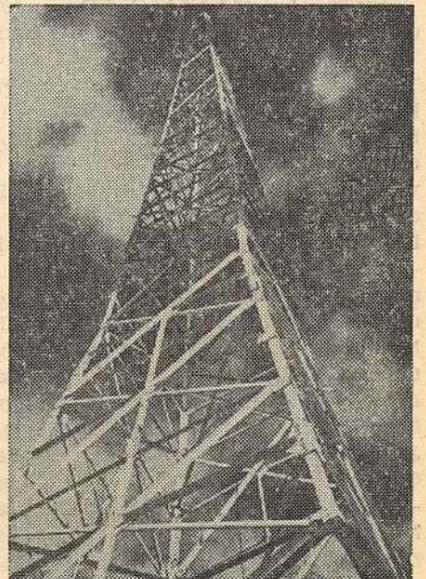
● No México, um criminoso, depois de ter praticado o seu terceiro assassinio, protestou por não deixarem igualar seu pai que fizera dez mortes... Então não parece que o mundo anda doído?

Rádio Renascença

«AQUI PORTUGAL»

Com este título «AQUI PORTUGAL» a Rádio Renascença iniciou a partir do dia 1 de Novembro, um programa diário em onda curta, destinado aos emigrantes portugueses na Europa.

Antecipando a entrada em funcionamento dos novos emissores de onda curta da Rádio Renascença, este programa é emitido através da Rádio Mediterrâneo na banda dos 31 metros, todos os dias das 15 às 15 e 30 (hora alemã).



Quem mata é criminoso

Mas quem mata o seu filho é três vezes criminoso — porque mata, porque mata um filho, um inocente, que não se pode defender e ainda por ser morto por quem devia ser o seu primeiro e maior defensor.

Quando os pais procuram dar a morte aos filhos, quem os poderá defender? O sangue dos inocentes clama vingança ao céu!

Já houve uma geração que pereceu num dilúvio de água. E esta? Irá perecer num dilúvio de sangue?